



CAPÍTULO 12

**À FRENTE DE UM GRANDE
HOMEM SEMPRE EXISTIU UMA
GRANDE MULHER. OU NÃO?**

AMANDA MAZZONI MARCATO

Capítulo 12 - À frente de um grande homem sempre existiu uma grande mulher. Ou não?

At the head of a great man there has always been a great woman. Or not?

Amanda Mazzoni Marcato

Affonso Eduardo Reidy, o arquiteto que dispensa apresentações

Affonso Eduardo Reidy fez parte do grupo de arquitetos responsável por colocar a arquitetura moderna brasileira em relevância no contexto internacional, juntamente com Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Reidy, por sua vez, ganhou destaque por trabalhar com “a enquadração urbanística da arquitetura e com a feição social da arquitetura e urbanismo” (Bonduki, 2000, p.11). Seu período de atividade (1929 - 1964) foi marcado pela quase exclusividade de seu serviço ao poder público, já que foram poucas as produções dedicadas à iniciativa privada, marcando um de seus traços mais emblemáticos: o de servidor público.

Reidy, nascido em Paris em 1909, mudou-se para o Brasil durante a infância, onde se estabeleceu como uma figura central na arquitetura moderna brasileira. Sua educação e carreira ocorreram em um período marcado por intensas mudanças culturais, políticas e sociais, tanto no Brasil quanto globalmente. Reidy iniciou seus estudos na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) no Rio de Janeiro, uma das instituições mais prestigiosas de sua época. Ele se formou em arquitetura em 1930, em um momento em que aspectos do modernismo europeu começavam a ganhar força no Brasil. Durante sua formação, foi influenciado por professores e colegas que estavam engajados com as ideias modernistas e com o desejo de criar uma arquitetura que fosse ao mesmo tempo funcional e esteticamente inovadora:

A descoberta da arquitetura moderna levou Reidy a um processo conflituoso no desenvolvimento de sua formação, passando a desacreditar no ensino acadêmico que recebia e a buscar fora da escola uma formação alternativa (Bonduki, 2000, p.12).

No início do século XX, o Brasil vivia um período de rápida modernização e urbanização. O Rio de Janeiro, onde Reidy cresceu e estudou, era o centro dessas transformações. A cidade estava se convertendo de uma capital colonial em uma

metrópole moderna, com significativos projetos de infraestrutura e desenvolvimento urbano. Esse período também foi caracterizado pelo surgimento do movimento modernista no Brasil, que se manifestou em diversas áreas, como literatura, artes plásticas e arquitetura. Os modernistas brasileiros buscavam romper com os estilos acadêmicos e tradicionais, promovendo uma estética nova que refletisse a realidade contemporânea e as especificidades culturais do país.

O ano de 1930 foi decisivo para Reidy. Exatamente no ano de sua formatura, estourou a Revolução de 30, que levou Getúlio Vargas ao poder no bojo de um processo de transformação estrutural da sociedade brasileira. O novo governo, de tendências autoritárias, iniciou um processo de modernização que gerou uma industrialização e urbanização aceleradas, fortemente induzidas pelo Estado, ele próprio reestruturado para enfrentar os desafios da transformação. A nova conjuntura teve enorme impacto nas demandas colocadas para os arquitetos, que foram decisivas para a carreira de Reidy (Bonduki, 2000, p.13).

Após sua formação, Reidy tornou-se arquiteto da Prefeitura do Distrito Federal, através de concurso público, em 1932. Sua experiência profissional, entretanto, tem início em 1929, através de um estágio com o urbanista francês Alfred Agache, que havia sido convidado pelo prefeito Antônio Prado para elaborar um Plano Diretor para a Capital. Segundo Nabil Bonduki⁵⁹ (2000), Agache foi responsável por incorporar uma nova maneira de se pensar o urbanismo, conciliando a proposta global de ordenamento da cidade (zoneamento, saneamento, legislação e sistema viário) com um plano de remodelação e embelezamento (aspectos estéticos). A Revolução de 30 não permitiu que o urbanista francês continuasse a trabalhar no Rio de Janeiro⁶⁰ e Affonso Eduardo Reidy permaneceu em seu escritório, em constante contato com seus projetos e trabalhos, até a data de seu fechamento, em 1931. Foi

⁵⁹ Nabil Bonduki é urbanista, arquiteto e professor, conhecido por sua contribuição significativa aos estudos sobre a arquitetura e o urbanismo no Brasil. Sua importância para a pesquisa sobre Afonso Eduardo Reidy, um dos mais destacados arquitetos brasileiros do século XX, é evidenciado na organização do livro Affonso Eduardo Reidy – Série Arquitetos Brasileiros (Bonduki, 2000), obra fundamental para a compreensão da vida e obra do arquiteto. Nesse livro, Bonduki reúne ensaios, análises e documentos que traçam um panorama detalhado da carreira de Reidy, destacando suas principais obras e sua influência no modernismo brasileiro.

⁶⁰ A Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder e encerrou a Primeira República no Brasil, provocou transformações profundas nas esferas política, econômica e social, afetando vários setores, inclusive o urbanismo. O urbanista francês Alfred Agache, contratado para desenvolver um plano diretor para o Rio de Janeiro, teve seu trabalho interrompido devido à instabilidade e às novas prioridades emergenciais do governo. A revolução causou uma reestruturação administrativa e uma redireção dos recursos públicos, desviando o foco das grandes intervenções urbanísticas previamente planejadas. Além disso, o governo de Vargas priorizou projetos voltados para a industrialização e o desenvolvimento econômico imediato, relegando o plano de Agache, que era mais amplo e de longo prazo, a um segundo plano. Dessa forma, a Revolução de 1930 impediu Agache de continuar seu trabalho no Rio de Janeiro, deixando seu plano diretor inacabado e subvalorizado pelas novas diretrizes governamentais.

Reidy que, já empossado na Prefeitura, ficou encarregado de desenvolver ou adaptar algumas das propostas de Agache.

Durante este primeiro período de trabalho na Prefeitura, um dos únicos projetos do arquiteto que foi de fato construído foi a Escola Primária na zona rural do Distrito Federal. Esta obra é relevante para a trajetória de Reidy e para o desenvolvimento deste texto, por ser a primeira construção também dirigida pela engenheira municipal Carmen Portinho, que mais tarde se tornaria companheira do arquiteto no serviço público e na vida privada:

A dupla Carmen-Reidy nunca mais se desfez. De temperamentos diferentes, ela mais expansiva e política, ele mais tímido e reflexivo, a combinação da engenheira com o arquiteto gerou algumas das mais importantes obras de arquitetura brasileira, projetadas por Reidy, construídas por Carmen: os conjuntos do Departamento de Habitação Popular, Pedregulho e Gávea; o Museu de Arte Moderna; as casas de Jacarepaguá e de Itaipava, onde viveram vários anos (Bonduki, 2000, p.15).

Carmen Velasco Portinho (1903-2001) foi a terceira mulher a se formar em Engenharia Civil no Brasil, concluindo seus estudos na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1926. Ao longo de sua carreira, teve uma atuação significativa na Prefeitura do Distrito Federal, onde contribuiu para o desenvolvimento de projetos urbanísticos inovadores e de habitação social. Além de seu trabalho na engenharia, Carmen foi uma figura fundamental no cenário cultural do Rio de Janeiro, desempenhando um papel crucial na construção e direção do Museu de Arte Moderna (MAM) e, mais tarde, à frente da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI). Sua contribuição para o urbanismo, a arte e o design, bem como sua participação nos primeiros movimentos feministas organizados no país, fazem dela uma personalidade importante para a história brasileira, como será destacado ao longo deste texto.

Reidy começou a trabalhar no Departamento de Habitação Popular da Prefeitura do Rio de Janeiro, onde teve a oportunidade de participar de vários projetos urbanos significativos. Sua atuação no serviço público permitiu-lhe desenvolver uma visão abrangente sobre a arquitetura e o urbanismo, sempre com foco no problema da habitação. No Departamento de Habitação Popular, setor dirigido por Carmen Portinho, o arquiteto que até a segunda metade dos anos de 1940 era respeitado profissionalmente, mas não tinha seus projetos viabilizados,

passou a ser chefe de planejamento e logo se dedicou a grandes propostas (Bonduki, 2000).

Segundo Bonduki, uma das principais contribuições de Reidy foi a sua habilidade em integrar os princípios do modernismo internacional com as especificidades do contexto brasileiro. O autor destaca duas obras emblemáticas que ilustram essa capacidade: o Conjunto Residencial do Pedregulho e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Nabil Bonduki enfatiza que a filosofia de Reidy era profundamente humanista, sempre preocupada com a qualidade de vida dos usuários dos edifícios: ele defendia uma arquitetura acessível e socialmente responsável, acreditando que o ambiente construído poderia influenciar positivamente a vida das pessoas.

A construção de uma trajetória de sucesso: a parceria Carmen-Reidy

A partir dos estudos do sociólogo francês Pierre Bourdieu, consideramos a trajetória de um indivíduo como resultado da interação entre *habitus*, campo e capital (Bourdieu, 1984). O *habitus*, conjunto de disposições internalizadas, molda percepções, aspirações e comportamentos com base nas experiências sociais e culturais vividas. Os campos são espaços sociais específicos com regras e hierarquias próprias, responsáveis por definirem as oportunidades e os desafios que um indivíduo enfrenta. E, por fim, o capital (econômico, cultural, social ou simbólico), é capaz de influenciar diretamente a posição e a mobilidade dentro desses campos. A noção de trajetória é, portanto, construída pela maneira como esses recursos e disposições internas são utilizados para transitar e competir dentro dos diversos campos sociais ao longo da vida do indivíduo.

A relação Carmen-Reidy é um exemplo concreto de como as interações pessoais e profissionais podem influenciar a trajetória de um indivíduo, conforme os conceitos de *habitus*, campo e capital propostos por Pierre Bourdieu. A colaboração entre eles não só ampliou as possibilidades de atuação de Reidy no campo da arquitetura, mas também trouxe uma dimensão social e política que influenciou significativamente seu trabalho:

Sem o dinamismo de Carmen, que não mediu esforços para viabilizar do ponto de vista administrativo, financeiro e construtivo empreendimentos de grande vulto e complexidade como Pedregulho e MAM, talvez as obras que projetaram Reidy como um dos principais arquitetos brasileiros nunca tivessem se viabilizado (Bonduki, 2000, p.15)

No campo do urbanismo carioca e da arquitetura moderna brasileira, Reidy se destacou de sua geração - composta também por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer - a partir de sua atuação enquanto funcionário da Prefeitura do Distrito Federal e pela preocupação comum de seus projetos: o tratamento de questões de cunho social, como o caso da habitação no Brasil e o crescimento da população urbana de baixa renda, por exemplo.

O arquiteto Alfredo Luiz Britto, em entrevista para o livro *Capítulos da memória do urbanismo carioca* (2002), evidencia a importância de Carmen Portinho na trajetória de Reidy: “Se ele não a tivesse encontrado, talvez não fosse conhecido além de uma repartição pública” (Britto, 2002, p. 17). O Conjunto Habitacional Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho), em Benfica, é citado por Britto como um marco mundial na ideia de habitação de caráter social. Segundo o arquiteto, ainda sobre Pedregulho, é importante lembrar que:

(...) sua concepção não pode ser creditada apenas ao Reidy, porque foi a Carmen Portinho quem primeiro vislumbrou essa questão. E é ela quem estimula e dá uma dose extraordinária de gás ao Reidy, para que ele ponha todo o seu talento, sua intuição e sua visão sobre a organização social, da modernidade e da arquitetura num projeto como aquele (Britto, 2002, p. 22).

A partir do final dos anos 1920, a arquitetura deixou de ser um campo centrado no indivíduo e passou a focar na sociedade e na cidade. Devido à multiplicação das favelas e ao surgimento de novas epidemias, a habitação social tornou-se um tema de discussão global. Enquanto as favelas cresciam lentamente no Rio de Janeiro, São Paulo experimentava uma rápida explosão demográfica, tornando o problema mais evidente. Foi a partir da Segunda Guerra Mundial, que o tema da habitação social ressurgiu no contexto do poder público carioca, com a criação do Departamento de Habitação Popular, ligado à Secretaria de Viação e Obras Públicas, sob a direção de Carmen Portinho. Simultaneamente, foi criado o Departamento de Urbanismo na mesma secretaria, sob a direção de Affonso Eduardo Reidy, fortalecendo significativamente esses dois campos e viabilizando, cada vez mais, a parceria Carmen-Reidy (Pereira, 2002).

Foi graças à Carmen que ele (Reidy) conseguiu realizar seu primeiro grande projeto, o conjunto do Pedregulho, para funcionários da prefeitura. Como diretora do Departamento de Habitação Popular da prefeitura, cabia-lhe escolher o arquiteto que projetou o conjunto, e ela chamou o Reidy (Leitchic, 2002, p.45).

Após a Segunda Guerra Mundial, Carmen Portinho passou um período significativo na Inglaterra, onde estudou e se especializou em planejamento urbano e habitação social. Esse tempo no exterior foi crucial para sua formação profissional, permitindo-lhe absorver as mais recentes teorias e práticas urbanísticas que estavam sendo desenvolvidas na Europa. A experiência e o conhecimento adquiridos durante sua estadia na Inglaterra foram fundamentais para seu trabalho subsequente no Brasil, especialmente quando assumiu a direção do Departamento de Habitação Popular no Distrito Federal, ajudando a moldar uma visão progressista e uma nova abordagem em relação à urbanização e à habitação social, influenciando diretamente a implementação de políticas habitacionais no Rio de Janeiro, como visto no Conjunto Residencial Pedregulho:

A origem de sua construção começou quando, de regresso da Inglaterra e imbuída de grande entusiasmo, propôs ao secretário de Obras e Viação da Prefeitura do Distrito Federal a criação do Departamento de Habitação Popular, uma vez que aqui, como na Inglaterra daqueles anos terríveis, a moradia popular continuava sendo problema de difícil solução, como ainda hoje em dia (Portinho, 1999, p.103).

Margareth da Silva Pereira, arquiteta, urbanista e doutora em história, caracteriza Reidy como o arquiteto moderno que mais marcou a cultura visual e o espaço urbano carioca. Por se destacar a partir de uma maior influência do urbanismo, quando comparado aos outros arquitetos de sua geração, Reidy deixou marcas que ainda sobrevivem na cidade do Rio de Janeiro, como o Aterro, Pedregulho e, finalmente, o Museu de Arte Moderna (Pereira, 2002).

Carmen foi diretora executiva adjunta do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro de 1951 a 1966, conciliando seu trabalho na Prefeitura com as responsabilidades do Museu: “O meu gabinete no Departamento de Habitação Popular ficou sendo um prolongamento do museu. Foi lá que nasceu o traçado do futuro MAM carioca” (Portinho, 1999, p.117). Segundo relatos de Portinho, o projeto da obra do museu foi, em um primeiro momento, pensado para ser entregue a Oscar Niemeyer, mas o então prefeito João Carlos Vital, que fazia parte do Conselho do museu, interferiu alegando que a prefeitura, que já havia doado o terreno, também

ofereceria um de seus arquitetos para projetar a sede (idem). Para Margareth Pereira, foi clara a escolha do nome de Reidy: “A Carmen era muito amiga da Niomar Muniz Sodré e conseguiu que o MAM fosse entregue ao Reidy. Ele projetou e ela fiscalizou a construção” (Pereira, 2002, p. 46).

A parceria entre Carmen Portinho e Affonso Eduardo Reidy na construção do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro é, assim como no caso de Pedregulho, um exemplo de como essa relação influenciou projetos culturais e arquitetônicos. Carmen, principalmente a partir de vias administrativas, foi fundamental no planejamento e na articulação institucional dos projetos, enquanto Reidy, com seu conhecimento arquitetônico e urbanístico, concebeu projetos importantes da arquitetura moderna brasileira. O MAM, inaugurado em 1958 no edifício sede projetado por Affonso Eduardo Reidy, destacou-se pela sua estrutura e pela integração harmoniosa com o Parque do Flamengo, refletindo uma abordagem inovadora ao espaço expositivo e público.

A sinergia entre Portinho e Reidy resultou na execução de diversos projetos (assim como exemplificado aqui pelo caso Pedregulho e MAM) e foi crucial na construção e solidificação da carreira do arquiteto. Como apresentado até aqui, a experiência em planejamento urbano, a forte rede de relações e os contatos administrativos e institucionais de Carmen, foram cruciais para proporcionar a Reidy não apenas um ambiente colaborativo, mas também visibilidade e suporte institucional em seus projetos. É a partir deste contexto que procuramos aqui questionar a lógica binária estruturante do pensamento moderno, objetivando deslocar sua construção hierárquica e expor, a partir do caso Carmen-Reidy, as barreiras responsáveis pelo avanço desproporcional das mulheres nas carreiras quando comparadas aos homens e, no caso de Carmen, o comum esquecimento de suas contribuições.

Uma grande mulher

Uma rápida investigação envolvendo o nome de Carmen Portinho resulta, sem outros caminhos alternativos, em poucas pesquisas e produções bibliográficas. Uma biografia escrita por Ana Luiza Nobre e a autobiografia *Carmen Portinho - Por toda a minha vida* são os dois resultados principais que se dispõem a trabalhar a vida da

engenheira. Reidy, entretanto, figura nos mais diversos trabalhos a respeito da arquitetura moderna brasileira. A principal obra,⁶¹ em termos de divulgação e documentação da produção do arquiteto, foi resultado, como aponta o próprio organizador Nabil Bonduki, do esforço direto de Carmen Portinho em resgatar sua obra e pensamento.

Ambos os profissionais deixaram, portanto, marcas profundas na arquitetura e no urbanismo do Brasil, mas suas trajetórias e reconhecimentos diferiram em vários aspectos, que ainda ecoam. Por muito tempo as relações sociais, os padrões de dominação sexual e a moral burguesa não foram discutidos. Assim como Margareth Rago (2012) identificou a consolidação da construção cultural e social das diferenças sexuais a partir dos estudos de gênero, a historiadora Joan Scott (1995) ressaltou a conexão existente entre as relações sociais e as relações de poder. A análise pelo gênero é, portanto, via significante de domínio e, também, elemento responsável pela constituição das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos (Rago, 2012). É a partir desta premissa que a análise da construção histórico/social de símbolos culturais referentes às mulheres é feita e normas de estruturação social são determinadas e difundidas.

Judith Butler (2016), em seu trabalho *Problemas de gênero*, discute as relações de poder para além de uma negociação elementar entre homens e mulheres, já que esses sujeitos podem atuar na própria construção do conceito de gênero e na produção de categorias binárias. Para a autora, gênero diz respeito a uma prática contaminada de atos sociais, desenvolvida a partir da ideia de repetição, já que os sujeitos constroem, vivenciam e afirmam suas funções sociais como mulheres ou homens no mesmo instante em que processos de emancipação são determinados (Butler, 2016). A estrutura social é, como aponta Butler, baseada em modelos patriarcais, resultantes de uma prática reguladora heterossexual e compulsória, responsável pelo movimento de dominação masculino (idem). A necessidade das pesquisas que se dediquem à compreensão dos símbolos culturais que subscrevem as mulheres e suas respectivas construções e contextos - como proposto aqui - é, como

⁶¹ Bonduki, N. (2000). *Affonso Eduardo Reidy - Arquitetos Brasileiros*. Portugal: Ed. Blau/Inst. Lina Bo e P.M. Bardi.

defendido por Joan Scott, eminente. A autora justifica tal demanda como caminho questionador das categorias sociais e do processo de naturalização da hegemonia masculina.

É nessa sociedade patriarcal que a construção da mulher como sujeito histórico inferior ou limitado foi concebida. Simone de Beauvoir (1970) postula que os homens acreditaram ser útil preservar e nutrir o estado de dependência da mulher, estabelecendo seus códigos neste fim e constituindo-as enquanto seres inferiores, o Outro (Beauvoir, 1970, p. 179). A legitimação da dominação masculina foi dotada, ao longo dos anos, por argumentos de cunho religioso, psicanalítico, científico, médico, etc. Essa dominação obteve coerência ao longo dos anos e as mulheres foram, portanto, silenciadas e/ou reconhecidas tardiamente como agentes históricos.

Os estudos feministas deram origem aos primeiros questionamentos acerca do papel do homem na sociedade e a maneira como a superioridade masculina foi estruturalmente formada e desenvolvida nos vários contextos. As contínuas teorias e debates são essenciais devido à crescente necessidade de repensar os papéis sociais, seu desenvolvimento histórico e a realidade atual. Quando Butler redefiniu gênero como performance e performatividade, questionou a produção e a reprodução do sistema sexo/gênero normativo e binário, concluindo que, assim como o sexo e a sexualidade não são expressões de uma identidade essencial, mas sim efeitos de um discurso sobre o sexo, o gênero também não é uma manifestação do sexo (Butler, 2016). A partir deste cenário, entendemos que o estabelecimento da hierarquia do poder masculino é resultado das estruturas de dominação que sempre influenciaram as relações entre homens e mulheres, configurando um fenômeno de continuidade de valores até os dias atuais.

Pierre Bourdieu interpreta a dominação masculina através do conceito de dominação simbólica, onde tanto os opressores (aqueles que dominam) quanto os oprimidos (dominados) absorvem e reproduzem a ordem social que favorece os homens. Para Bourdieu, a dominação simbólica funciona de maneira invisível e discreta, mediante práticas culturais, crenças e normas sociais que validam a superioridade masculina e a subordinação feminina. Esse fenômeno se sustenta não apenas pelo poder visível dos homens, mas também pela aceitação inconsciente das

mulheres, que veem essas normas como naturais. Assim, a dominação masculina se perpetua ao ser continuamente reafirmada e normalizada nas interações diárias e nas instituições sociais, criando um ciclo difícil de romper (Bourdieu, 2021). É importante lembrar que a formação histórica do Brasil teve um impacto significativo na produção do modelo de masculinidade construído e disseminado, responsável por sugerir uma supremacia dos homens sobre as mulheres.

Este mecanismo descrito por Bourdieu (2021) é, portanto, perpetuado por normas sociais e práticas culturais que não apenas privilegiam os homens, mas também são internalizadas. Desta forma, mesmo em contextos em que homens e mulheres têm capacidades e méritos similares, a tendência é que os homens recebam mais reconhecimento e visibilidade, enquanto as contribuições das mulheres são subestimadas ou ignoradas. Carmen Portinho teve uma carreira de sucesso, destacando-se no campo da engenharia, da arquitetura e urbanismo, das artes e como feminista pioneira no Brasil, tendo um papel crucial na implementação de políticas urbanas inovadoras e na promoção dos direitos das mulheres. No entanto, devido à dominação masculina descrita por Pierre Bourdieu, sua visibilidade e reconhecimento foram limitados. A dominação simbólica enraizada nas estruturas sociais e culturais são responsáveis por fazer com que as conquistas das mulheres sejam frequentemente subestimadas ou ignoradas. Assim, mesmo com suas contribuições significativas, Portinho não recebeu o destaque merecido, pois a sociedade tende a valorizar mais os feitos dos homens e a invisibilizar as realizações das mulheres.

Agradecimentos

É com grande gratidão que este texto é escrito para integrar o livro *Mulheres: Guardiãs dos Lugares*. Escrever sobre mulheres é de extrema relevância, pois permite ampliar o reconhecimento e valorização das suas trajetórias, contribuições e perspectivas únicas que frequentemente são subestimadas ou negligenciadas. Este projeto oferece uma oportunidade significativa para explorar e celebrar as experiências das mulheres como guardiãs de espaços, sejam eles físicos, sociais ou simbólicos.

Agradeço também à professora Paula Guerra pelo convite para fazer parte deste projeto inspirador. A iniciativa de destacar o papel das mulheres na preservação e construção de lugares é crucial, não apenas para promover a diversidade e a igualdade de gênero, mas também para enriquecer nosso entendimento das dinâmicas sociais e culturais que moldam nossas comunidades. É inspirador poder contribuir com este esforço coletivo de reconhecimento e valorização das mulheres e seus legados.

Financiamento

O texto apresentado é resultado de um recorte da minha pesquisa de doutorado, ainda em andamento, e, desta forma, se configura como parte de um estudo mais amplo. Esta é uma pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências Bibliográficas

- Beauvoir, S. de. (1970). *O segundo sexo: fatos e mitos* (S. Milliet, Trad.; 2ª ed.). Difusão Europeia do Livro.
- Bonduki, N. (2000). *Afonso Eduardo Reidy - Arquitetos Brasileiros*. Ed. Blau/Inst. Lina Bo e P.M. Bardi.
- Bourdieu, P. (1984). *Distinction: A social critique of the judgement of taste*. Harvard University Press.
- Bourdieu, P. (2021). *A dominação masculina* (M. H. Kuhner, Trad.; 19ª ed.). Bertrand Brasil.
- Britto, A. L. (2002). Entrevista. In A. Freire & L. L. Oliveira (Orgs.), *Capítulos da memória do urbanismo carioca*. Fundação Getúlio Vargas.
- Butler, J. (2016). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trad.). Civilização Brasileira.
- Freire, A., & Oliveira, L. L. (Orgs.). (2002). *Capítulos da memória do urbanismo carioca*. Fundação Getúlio Vargas.
- Leitchic, B. (2002). Entrevista. In A. Freire & L. L. Oliveira (Orgs.), *Capítulos da memória do urbanismo carioca*. Fundação Getúlio Vargas.
- Nobre, A. L. (1999). *Carmen Portinho: O moderno em construção*. Relume-Dumara.
- Pereira, M. da S. (2002). Entrevista. In A. Freire & L. L. Oliveira (Orgs.), *Capítulos da memória do urbanismo carioca*. Fundação Getúlio Vargas.
- Portinho, C. (1999). *Por toda a minha vida: depoimento a Geraldo Edson de Andrade*. EdUERJ.
- Rago, M. (2012). *Epistemologia feminista, gênero e história*. Cnt Compostela.
- Scott, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.

